

L . E . T . D F . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva

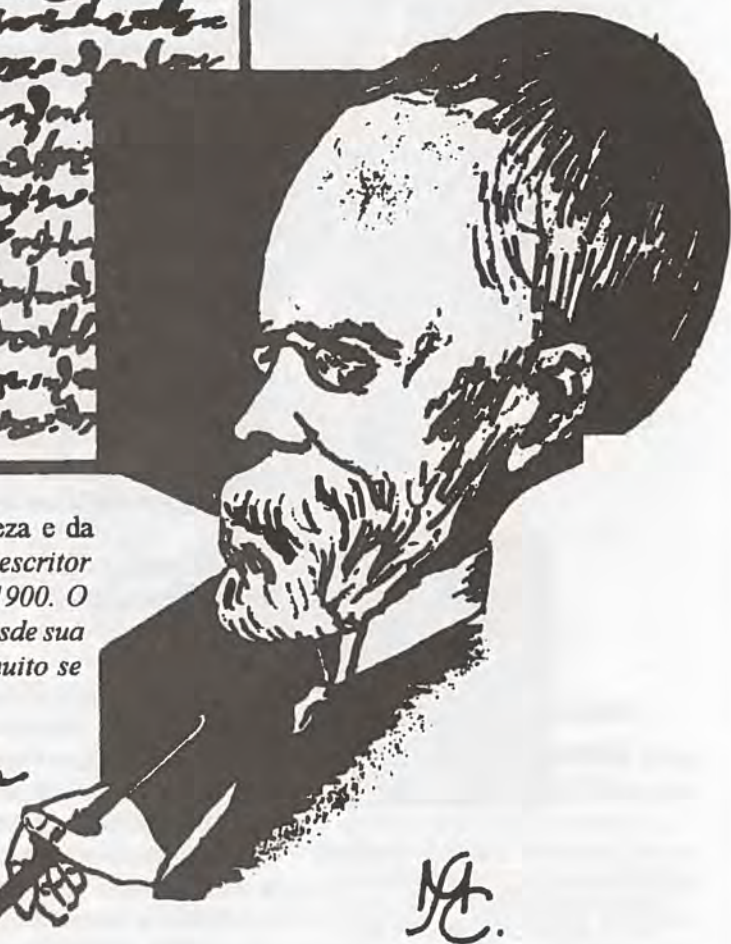
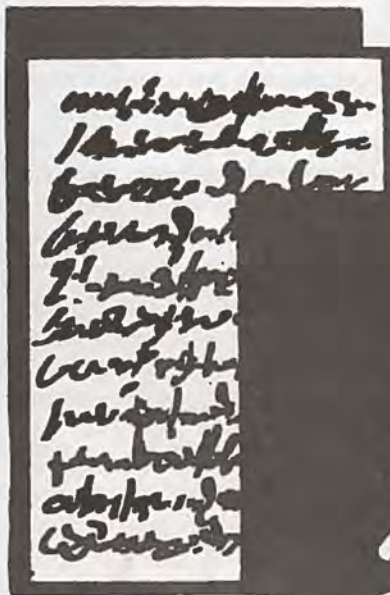
■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**



DOM MACHADO

O discurso da certeza e da dúvida

□ ANGELA MARIA RUBEL FANINI
SELMA SUELY TEIXEIRA



O artigo Dom Casmurro: o discurso da certeza e da dúvida analisa o romance Dom Casmurro, do escritor realista Machado de Assis, publicado em 1900. O romance em questão tem sido considerado, desde sua publicação, o mais ambíguo da literatura brasileira, e muito se tem escrito sobre ele.

Seduzidas pela linguagem e cosmovisão machadiana, resolvemos mergulhar nesse universo a fim de deslindar-lhe os mistérios, principalmente aquele sobre o qual muitos se têm debruçado: Capitu: inocente ou culpada?

A análise da obra levou-nos a perceber que Machado trata tanto as situações nacionais (escola, igreja, economia oitocentistas brasileiras) quanto as universais (amor, traição, hipocrisia) a partir de uma concepção de mundo dada pelo prisma da ironia e do relativismo. Estes desautorizam a formalização de situações conclusivas, definidas e inquestionáveis. Assim sendo, a questão antiga e nova sobre a culpabilidade ou inocência de Capitu não se resolve facilmente, porque o discurso que se cria é relativo e não absoluto. A dúvida, portanto, permanece, intocada, insolúvel, mesmo após várias releituras do texto. Este é o grande sortilégio da obra machadiana: o enigma, a ambigüidade, a polissemia, gerados por um discurso que é, ao mesmo tempo, dúvida e certeza.

*
Válio
leitor
rubel
sueley
fanini
teixeira

MT.



Marcos Arruda (PSDB)

Desde o início da década de 50, o Teatro Dulcina tem levado à população do Rio de Janeiro e mais tarde à de Brasília entretenimento e cultura. Por intermédio de Dulcina de Moraes e seu marido, Odilon de Azevedo, Brasília foi premiada, em 1978, com nova sede dessa casa de cultura, que facilitou o acesso de pessoas de origem humilde à carreira de ator, e fez com que o DF tivesse peças de teatro mais corriqueiramente. Por tudo isso, homenageio a grande brasileira Dulcina de Moraes e o seu frutuoso trabalho.



Marco Lima (PT)

A Faculdade Dulcina merece um tratamento especial. Situada bem no coração da cidade, no SDS, a escola tornou-se uma referência cultural e popular. Seus espaços estão abertos a todos, além de seus alunos. As crianças vivem indo ao Teatro Dulcina assistirem a espetáculos dirigidos à infância. Em janeiro, no anexo do Dulcina, um debate sobre "Comunicação, Religião e Cidadania" aglutinou mais de 300 pessoas para ouvir jornalistas, pastores, padres e pesquisadores. Em março, outro evento lotou o Teatro Dulcina. Foi o "Tribunal Popular Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes". De lá saem ações que podem levar ao banco dos réus os responsáveis pela miséria, fome e prostituição infantil no DF e no País.

O Romantismo é a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem.

Com essas palavras, o escritor português Eça de Queiroz definiu, em conferência proferida em 1871, no Cassino Lisbonense, um novo estilo literário – o Realismo que surgia na Europa na segunda metade do século XIX.

Influenciado por um conjunto de doutrinas científicas e filosóficas que englobava o positivismo de Augusto Comte, o evolucionismo de Darwin, o materialismo psicológico de Wundt e o determinismo de Taine, o Realismo procurou compreender e explicar a realidade através da observação e análise dos fatos.

Pretendendo mostrar essa nova visão de mundo, as prosas realista-naturalistas⁽¹⁾ refletem a preocupação de seus autores com uma verdade não apenas verossímil, mas exata, capaz de reproduzir uma realidade materialmente verdadeira.

Tal postura daria aos escritores uma visão mecanicista do mundo, apegada ao pensamento naturalista e à idéia de que a ciência tudo podia explicar.

Incorporando as idéias divulgadas pelos homens da ciência, os ficcionistas passaram a desenvolver um gosto pelas tendências objetivas, em oposição ao subjetivismo dos escritores românticos.

Analisando a vida com objetividade e reconhecendo ser ela portadora de um equilíbrio e harmonia provenientes de uma visão organicista da realidade, o escritor realista pretende não interferir na caracterização dos tipos que cria ou recria, no sentido de que ele evita confundir seus próprios sentimentos com os de seus personagens. Frutos da observação de seres reais, esses personagens são tipos concretos, vivos. Sob esse aspecto, o herói realista, parte integrante do organismo cósmico, é movido por ancestrais e/ou sociais, que determinam seu comportamento.

A partir de 1860, as idéias renovadoras do Realismo e do Naturalismo chegaram ao Brasil, propagando-se entre a intelectualidade nacional. Incorporando em seus textos a defesa de teses e opi-



niões propostas pelas novas tendências estéticas, os escritores nacionais passaram a tematizar em suas obras as opções ideológicas do homem culto brasileiro: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Surgem romances como *O Mulato* e *O Cortiço*, de autoria de Aluísio de Azevedo, escritor naturalista.

Considerada como marco da prosa naturalista no Brasil, a obra de Aluísio de Azevedo, juntamente com a de Inglês de Souza e a de Adolfo Caminha, reflete o temperamento objetivo e inclinado ao exame dos fatos, herdado do naturalismo europeu.

Contemporânea dessa produção literária, começa a ser publicada a obra de Machado de Assis, apontada pela crítica como "o ponto de maior equilíbrio da prosa realista brasileira".

Nascido em 1839, no Rio de Janeiro, Machado de Assis viveu quase toda sua vida na cidade que, sede do Império, assistiria 60 anos depois à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República. Palco dos principais acontecimentos políticos e culturais do país, o Rio de Janeiro de Machado contrastava ares de metrópole com hábitos interioranos. Modernizada apenas no essencial para que a corte portuguesa não ficasse privada do conforto europeu, a cidade apresentava, em sua maior parte, ruas sombrias e sujas, onde proliferava a febre amarela. Nos salões, o imperador recebia seus súditos para o beija-mão, em meio a homens vestidos de fraque, colete e chapéu

alto, traje diretamente inspirado na elegância sóbria da Inglaterra vitoriana. Encontrando-se no teatro, na ópera e nas confeitarias elegantes em que se declamava Bilac ao som do piano, a alta sociedade brasileira discutia e opinava sobre as mudanças políticas e culturais que estavam ocorrendo no país.

Homem de seu tempo, Machado de Assis acompanhou e viveu os contrastes e inovações de sua época, retratando em sua obra o contexto nacional e a inquietação social do período.

Constituída de crônicas, textos críticos, contos, romances, poesias e teatro, a obra de Machado é dividida pela crítica em duas fases⁽²⁾:

1) Fase pseudo-romântica em que a idealização dos fatos, das personagens é substituída pela observação de costumes, abrindo uma frente de pesquisa da ideologia vigente. Machado percebe com clareza, nesse período, a distância entre o natural e o social,

rastreando a organização ideológica da sociedade do Império. Já aparece aqui uma postura analítica, de fundo realista pela denúncia da relação de favor que Machado faz, quando analisa as reações e o caráter das personagens entre si e o meio. A fixidez psicológica das personagens é rompida e o enredo do individualismo é deslocado para o grupo social e suas relações internas e externas.

2) Fase em que a experimentação formal é a base que sustenta o modo peculiar de captar a mobilidade e fluidez do social e dos pontos de vista das personagens. Nas obras dessa fase, o narrador transita entre os membros das classes dominantes com as armas da ironia e do humor, que desnudam o poder, enfatizando sua condição ilusória e passageira.

Recurso estilístico largamente utilizado por Machado, a ironia auxilia



o autor a mostrar que a aparência da realidade é uma, e as intenções que a constroem são outras, bem diferentes.

Para Machado de Assis existe sempre nos indivíduos uma intenção suposta e um objetivo real. Da dualidade aparência/essência é que surgem os fatos. Essa relativização dos fatos se estende à verdade do texto, subordinada sempre a um ponto de vista e, portanto, sempre determinada pelos interesses em jogo.

Tendo como principais elementos de sua reflexão cotidiana a mesquitez humana e a sorte precária do indivíduo, a obra machadiana reflete uma concepção de vida amarga (...) *como a de um pessimista de condição e de temperamento, mas retida na sua expansão por um meticuloso escrúpulo de direção e medida* (...).⁽³⁾

O romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado em

1900, pertence à segunda fase da obra do escritor, inserindo-se na estética realista vigente naquele momento.

Machado de Assis foi acusado por alguns críticos de se afastar da realidade nacional, tematizando um universo de cor local. Essa crítica se orienta por um nacionalismo estreito, vinculado ao Romantismo Nacionalista. Este, num dado momento político, logo após a Proclamação da Independência (1822) tomou para si a tarefa de engrandecer e exaltar a nação recém-instaurada, formalizando através da literatura (Gonçalves Dias, José de Alencar) um conjunto de obras que enaltecem a pátria. Aí, faz-se a apologia do índio, da natureza, da fala e dos costumes locais. Machado de Assis, distanciando-se dessa linha apologética, passa a ser considerado um escritor não engajado politicamente em prol da construção de um senti-

**Wasny de
Roure
(PT)**



Em tempos de descaracterização dos costumes dos povos, da padronização globalizada da estética e das idéias, o complexo Fundação Brasileira de Teatro – Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – Teatro Dulcina é, talvez, o maior símbolo de resistência da cultura nacional representado pelo sonho de uma mulher fantástica. Dulcina de Moraes foi, sem dúvida, uma das maiores atrizes que o Brasil conheceu. Preservar e, mais que isso, revitalizar o espaço Dulcina de Moraes é fundamental. É garantir que, no futuro, os brasileiros ainda saibam de sua gente e de suas origens.

**Peniel
Pacheco
(Sem Partido)**



Cultura é o somatório dos valores de um povo e, para promovê-la, é preciso garantir a liberdade de expressão e o respeito a todos os matizes culturais. O Teatro Dulcina é o baluarte de Brasília na defesa da liberdade de expressão. Parabéns ao Teatro Dulcina por defender a liberdade de expressão e pelo exemplo de que é possível produzir cultura em todos os tempos garantindo a participação de todos os segmentos da sociedade.

mento patriótico. Porém, percebemos que essa crítica é impropriedade, pois na obra machadiana, incluindo *Dom Casmurro*, além da tematização de questões universais que extrapolam os limites espaço-temporais (amor, hipocrisia, traição), há a presença de situações sócio-históricas do Brasil oitocentista. O escritor, valendo-se do humor cético e irônico, critica várias instituições sociais do Rio de Janeiro do século XIX. Nesse sentido, podemos contextualizá-lo dentro de uma infraestrutura mental realista, que denuncia e satiriza os valores burgueses, afastando-se da cosmovisão romântico-nacionalista.

Em *Dom Casmurro* a vocação sacerdotal é colocada em xeque visto que a entrada para o universo clerical se revela como mais um caminho de ascensão sócio-política. Vale lembrar que naquele momento em que se passa a história do romance, a igreja católica exercia um poder significativo. O próprio José Dias lembra a família de Bentinho para esse fato: “Bem, uma vez que não perdeu a idéia de o fazer padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o Império!...”⁽⁴⁾ O “status” social atingido com a posição de bispo ou protonotário apostólico é mais importante que a missão de evangelizar, desprovida de interesses materiais.

O universo da escola é também tematizado criticamente. O acesso ao saber não objetiva uma maior competência profissional, visando à construção de uma sociedade melhor para todos, mas tão-somente uma reafirmação do “status” social do indivíduo. Bentinho, munido do diploma de advogado, reflete a figura do bacharel que no Brasil oitocentista gozava de um amplo prestígio social. O valor do título supera o valor do profissional à medida que naquele momento a situação econômico-social do país ainda não absorvia os profissionais liberais.

Apresenta-se também, no romance, o perfil econômico-social da sociedade carioca, revelando um país escravocrata, agrário, sem uma classe de trabalhadores e consumidores de bens, como existia na Europa industrial do século XIX. O indivíduo que não era escravo ou não possuísse bens materiais não tinha função social, revelando-se como uma espécie de lumpemproletariado. Essa situação pode ser exemplificada a partir da personagem José Dias, que vive de favor, pagando-o com elogios e bajulação. O elemento feminino também aí se enquadra à medida que dentro de uma sociedade patriarcal só se mantém via casamento com indivíduo de posses, como é o caso da personagem Capitu.

A partir dessas situações locais formalizadas, o escritor tematiza as relações de poder, universais e permanentes. As personagens investem seu tempo, fala e ações para atingir ascensão sócio-econômico ou garantir e reafirmar um certo “status quo”. Organizam seus destinos, fazem-se senhores de sua própria história, distanciando-se de uma postura despreocupada perante a existência. A visão de Machado sobre o homem difere radicalmente da concepção de Paulo Leminski quando este declara que “distraídos venceremos”. Para Machado vale: “Armados venceremos”.

Essa formalização das personagens possuidoras de livre arbítrio em Machado de Assis afasta-o da visão determinista (biológico-social) que embasa

a estética naturalista reinante na época em que Machado de Assis publicava e escrevia. A personagem Capitu, por exemplo, é dada pela ótica da volição porque age por vontade própria. Dentro dos moldes naturalistas as personagens são condicionadas pelo meio, momento e raça, como é o caso dos romances naturalistas (Aluisio de Azevedo, Adolfo Caminha, Inglês de Souza, entre outros). Aí, o personagem desprovido de razão deixa-se dominar pelos instintos naturais. Na luta do ser social com o biológico, vence este último, porém, em *Dom Casmurro*, percebemos em algumas passa-



gens que o determinismo sócio-biológico interfere no comportamento das personagens.

Há uma predeterminação social para o comportamento falso e hipócrita de Capitu (meio familiar), e biológica, visto que a personagem é demonstrada como imutável, apresentando os mesmos hábitos desde menina. Porém, vemos que essa visão de Capitu é dada por Bentinho, e não por um narrador em terceira pessoa, isento, defendendo uma tese determinista. Bentinho, tentando comprovar a culpabilidade de Capitu, afirma-lhe a maldade intrínseca quando, no final do romance coloca: "Hás de lembrar que uma estava dentro da outra, como o fruto dentro da casca". Assim, essa apresentação de Capitu é questionável porque dada a partir de seu companheiro, interessado em incriminá-la. Machado afasta-se dos autores naturalistas ao criar um narrador protagonista que dá uma versão dos fatos e não a versão absoluta sobre eles.

O relativismo da verdade prova em *Dom Casmurro* que as palavras inventam uma realidade possível. É pela

ótica e fala de Bentinho que temos acesso aos fatos. A fábula que nos conta o narrador é simples: Bentinho, órfão de pai, criado pela mãe, D. Glória, é destinado à vida sacerdotal, mas apaixona-se pela vizinha, Capitu. Bentinho consegue escapar do sacerdócio, forma-se em advocacia e casa-se com Capitu. Passa a ter ciúmes da esposa. Nasce-lhe um filho, Ezequiel, bastante parecido fisicamente com Escobar, seu amigo de seminário e profissão. Escobar e Ezequiel morrem. Bentinho separa-se da esposa. Esta falece na Suíça.

O romance, em síntese, conta a história banal de um possível adultério. O mais importante não é a fábula, mas sim a trama, ou seja, como se constrói a narrativa, sobretudo como o discurso de Bentinho, querendo comprovar o adultério, gera dúvidas sobre a infidelidade de Capitu.

A personagem que narra o romance, distanciado temporalmente dos fatos, é triste, casmurro, e por este motivo o tom do discurso é melancólico.

O humor não é festivo, alegre, e sim irônico, corrosivo, trágico.

Bentinho, advogado, atua como promotor de Escobar e Capitu, acusando-os de adultério. Ambos não se defendem porque a eles não é dado o direito de defesa (a palavra lhes é vedada). O narrador opera cortes nos fatos, destacando apenas situações que corroboram para incriminar o amigo e a companheira. Bentinho se vale das avaliações de outros personagens para construir uma idéia negativa de ambos. É José Dias quem atenta para os olhos de Capitu, mostrados como *obliquos e dissimulados*, e é prima Justina que lhe nota o comportamento leviano e bajulador. Escobar, por sua vez, é mostrado como pragmático e interessado nos bens materiais de D. Glória. Mais uma vez é prima Justina quem nota *seus olhos de policial metedico*. Assim procedendo, Bentinho tenta se convencer e ao seu interlocutor de que o maucaratismo de seus companheiros era percebido não só por ele, mas por outros. Aos olhos dissimulados de Capitu correspondem as mãos e os olhos fugidios de Escobar, índices de falsidade. Capitu demonstra paixão



pelo poder, revelando profunda admiração pela pintura do imperador César na casa de Matacalvos, outro índice de prestígio e sucesso sociais. Bentinho captura a ambos (Capitu e Escobar) em situações comprometedoras como, por exemplo, a ida de Escobar a sua casa quando de sua ausência e os olhos de ressaca de Capitu quando da morte do amigo. Revela a semelhança física entre o seu filho Ezequiel e Escobar. Porém, na história, o próprio narrador neutraliza essa última prova ao revelar a aparência física de Capitu com a mãe de Sancha. Nesse sentido a semelhança passa a ser obra do acaso, não implicando relações de parentesco.

Apesar do esforço de Bentinho para se inocentar de qualquer culpa, notamos atos cruéis e comprometedores em seu comportamento. Primeiro, deseja a morte da mãe, criatura a quem ama. ("Mamãe defunta, acaba o seminário"). Em outra ocasião mostra-se indiferente e desumano com seu vizinho Manduca. Revela, também, seu flerte e interesse por Sancha, esposa de seu melhor amigo. Posteriormente tenta envenenar seu filho Ezequiel e mostra-se frio por ocasião de sua morte no Egito. Outra faceta



Maria José (Maninha) (PT)



Brasília precisa passar de importador cultural para exportador de cultura. Nós temos as condições básicas para isso: espaço e, principalmente, material humano, além da diversidade cultural. Não podemos esperar, entretanto, que as iniciativas partam do governo. O empresariado precisa investir em seus artistas assim como alguns investiram em atletas como Carmem de Oliveira. A parceria governo – empresariado pode resultar em grandes eventos que não só ampliem o intercâmbio cultural, mas que valorizem a cultura que existe nas ruas, nos colégios, nas repartições públicas, nos bares e nas “esquinas” de Brasília.

Cláudio Monteiro (PPS)



A Faculdade de Artes Dulcina de Moraes sempre prestou grande serviço à cultura e à educação no Distrito Federal. Formou mais de dois mil profissionais das artes cênicas e plásticas. Muitos deles são hoje professores da FEDF. Dulcina de Moraes, grande atriz brasileira e idealizadora da Fundação Brasileira de Teatro, tornou possível o sonho de valorização da cultura no Brasil. Este sonho hoje se vê ameaçado por problemas financeiros. Precisamos salvar a Faculdade Dulcina. Desta forma estaremos prestando um grande serviço à difusão da cultura no DF, além de garantir mais uma oportunidade de qualificação profissional daqueles que aqui moram.

negativa de seu caráter e que provoca dúvidas sobre os fundamentos de seu ciúme por Capitu revela-se quando afirma que sentia ciúmes de tudo e de todos, apresentando-se como um indivíduo problemático e paranóico. Isso se afirma quando aproxima a sua situação da de Otelo, citando Iago, trazendo para seu texto a tragédia *Otelo*, de Shakespeare, que gira em torno de ciúmes infundados.

Pelo analisado anteriormente, concluímos que Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, trata de questões nacionais, abrangendo também temas universais. A obra machadiana ocupa

um lugar à parte nas letras nacionais, recusando a estética romântica nacionalista, afastando-se dos romances de tese naturalista e evitando tratar o real através de um realismo de bitola estreita. Dá uma

visão da existência na medida do humano, apresentando o mundo a partir da ironia e do relativismo, elementos fundamentais da cosmovisão machadiana que nos impedem de afirmar, em *Dom Casmurro*, a culpabilidade do elemento feminino (Capitu). Permanecemos nós, após várias leituras do romance, inaptos para incriminá-la ou absolvê-la, confirmando uma vez mais que *Dom Casmurro* é o discurso da dúvida e da certeza.



Angela Maria Rubel Fanini e Selma Suely Teixeira, mestres em Literatura Brasileira pela UFPR e professoras de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do CEFET/PR.

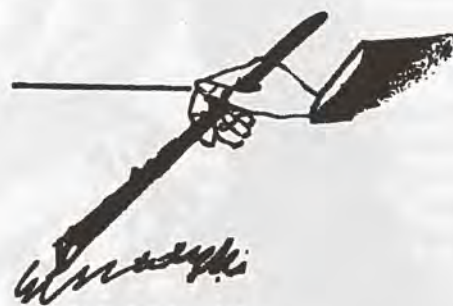
Notas das autoras

¹ Considerando que a mesma infraestrutura racionalista, materialista e cientificista subjaz ao Realismo e ao Naturalismo, decidimos não analisar as diferenças existentes entre esses movimentos, mas sim entendê-las como manifestações estéticas similares, contemporâneas e fundamentadas em um mesmo espírito filosófico.

² Sobre esse assunto ver LAJOLO, Marisa e VASCONCELOS, Gilberto F. *Realismo no Brasil*, In: CURSO Abril Vestibular, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 1289s; CORÇÃO, Gustavo, *Apresentação*. In: (org.).

Machado de Assis: romance. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 5-19; e FACIOLI, Valentim. *Várias histórias para um homem célebre* (Biografia intelectual), In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*, São Paulo: Ática, 1982, p. 5-59.

³ VERÍSSIMO, José. *Machado de Assis*. In: *Estudos de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte: Itatiaia / São Pau-



lo: EdUSP, 1977, p. 104.

⁴ ASSIS, Machado de: *Dom Casmurro*, 20 ed. São Paulo: Ática, 1989 (p. 50). As citações referentes a esta obra feitas no decorrer do texto serão acompanhadas das respectivas páginas.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
GLEDSON, John. *Machado de Assis: imposição e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.